

EDITORIAL

As eleições presidenciais realizadas no Brasil neste segundo semestre de 2002 colocaram o Brasil em foco no cenário mundial. Não só a população brasileira, como também os povos da América Latina e o restante da comunidade internacional, ficou na expectativa da eleição de um candidato de esquerda para ocupar o cargo de Presidente da República pela primeira vez na história desse país. Essa possibilidade representava o fortalecimento de um horizonte progressista abrindo perspectivas de construção de um processo de emancipação social.

Reinventar o futuro e instalar uma verdadeira democracia participativa no Brasil poderia fortalecer experiências alternativas emergentes em outros países e que tiveram visibilidade no I Fórum Social Mundial, realizado em janeiro de 2001 em Porto Alegre, e, também, inspirar outros povos para caminharem na mesma direção. Eleger Lula Presidente da República passou, então, a ser o sonho de milhões de brasileiros, motivados pela crença de colocar o Estado a serviço de toda a população, invertendo a lógica elitista da política brasileira.

Eleito Lula, o projeto de mudança do novo governo se confronta com uma realidade histórica de país capitalista dependente, com as conseqüências do projeto *modernizador* consolidado no governo FHC e com um contexto de reestruturação do sistema capitalista em bases mundiais.

O projeto *modernizador* do governo FHC buscou tornar a economia do país competitiva em sintonia com as orientações dos organismos financeiros internacionais. Esse projeto, expresso no ajuste econômico que privilegiou a estabilização da moeda, previa redefinição das relações entre Estado, mercado e sociedade, desregulamentação econômica, desuniversalização dos direitos sociais e a implantação do paradigma gerencial no setor público, entre outros aspectos.

A reforma do Estado realizada pelo governo FHC veio amparada por um forte arcabouço jurídico-legal a exemplo das reformas setoriais (educação, saúde, previdência) e da reforma administrativa, encontrando-se em larga medida já cristalizada nas práticas dos setores públicos. A reversão desse quadro representará um grande desafio para o novo governo, que deverá enfrentar, ainda, os compromissos assumidos com os organismos internacionais, mediante contratos firmados no governo anterior.

Editorial

Esse desafio se amplia ante o legado deixado por FHC: a precarização do trabalho, o aumento do desemprego, o aumento da informalidade, a queda da participação dos salários na renda nacional, o pífio crescimento econômico, o aumento da dívida pública e da dívida externa, o aumento dos impostos, a elevação das taxas de juros, o aumento da instabilidade e da dependência externa, a recessão, o corte de gastos e a restrição de investimentos na área social e o aumento da pobreza.

Em relação à educação, as intensas e diversificadas medidas implementadas na gestão FHC, caracterizadas por políticas focalizadoras no ensino fundamental, condicionam o debate na próxima gestão: o que extinguir, o que manter, o que precisa ser aperfeiçoado, o que deve ser transformado.

O usufruto a uma educação pública de qualidade para toda a população escolar se revela o principal desafio no próximo governo, uma vez que ocorreu crescimento quantitativo de acesso, ingresso de amplos contingentes de alunos das camadas populares, sem contudo resolver a questão da precariedade e da qualidade do ensino ofertado.

Outro desafio é que se relaciona ao anterior, se refere à insuficiência de recursos investidos na área da educação. A ampliação de recursos se revela prioritária pois as metas do PNE, que possuem força legal sinalizam para a necessidade de recursos na ordem de 10% do PIB, nos próximos dez anos, sendo que o potencial até então, se apresentava na cada dos 4,5% do PIB.

A educação exerce um papel fundamental na concretização do sonho e da esperança de desenvolvimento. Nesse sentido, as ações fundadas no imperativo ético da resistência necessitam de um conhecimento detalhado da realidade, de propostas e projetos socialmente válidos e politicamente sólidos para a conquista de uma educação pública de qualidade social para todos.

O processo sucessório colocou em evidência a questão social, sendo esta reiterada na agenda de transição, em substituição ao discurso economicista até então predominante. Temas como a fome, o desemprego, a distribuição de renda, o combate aos privilégios e a corrupção, e, valores como a solidariedade e a paz passaram a ocupar espaço privilegiado no debate nacional.

A questão social é assumida como prioridade no projeto de desenvolvimento econômico do Governo Lula. Dela decorre a articulação dos três eixos desse projeto - o social, o democrático e o nacional, que prevê

crescimento com distribuição da riqueza e geração de emprego, a participação efetiva do cidadão nos rumos da política e do Estado e o fortalecimento do Estado no contexto internacional.

O êxito de um modelo de desenvolvimento que tem o social como eixo principal, demandará um esforço conjunto e articulado entre o governo e os movimentos organizados da sociedade. Trata-se de uma oportunidade única para o país construir um pacto de forças, com hegemonia popular, que viabilize uma nova dinâmica econômica baseada no crescimento com distribuição de renda. Tornar o Estado Brasileiro, secularmente apropriado pelas elites, em um agente de interesses mais amplos, diversificados e majoritários — é um enorme desafio.

A revista VEJA estampou em sua capa e em outdoors espalhados pelas cidades brasileiras a seguinte questão: “Para onde nos levará a estrela?”. A resposta a essa pergunta se projeta para o futuro, nos sonhos e na esperança de dezenas de milhões de brasileiros, que mostraram no resultado das eleições uma força ativa, democrática e cada vez mais consciente agindo na história do Brasil. A situação brasileira exige cuidado, o governo Lula tem pela frente enormes desafios, conforme mencionado anteriormente, mas também tem nas mãos a chance de dar início a uma nova era, iniciando um novo ciclo na nossa história.

Belo Horizonte, 15 de setembro de 2002.

Adriana Duarte
Maria Helena Augusto
Savana Diniz